

REVISTA DO MINHO

PARA O ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES

Dirigida por José da Silva Vieira

FOLK-LORE ALEMTEJANO

(Continuado do n.º 1)

15

Mar foi o meu principio,
Sou branco como a neve,
Quem a adivinhar se atreve
Ponha o sentido no fim.

(MARFIM)

16

Nós somos muitos irmãos
Espalhados pelo mundo,
Nem todos temos c'rôa,
Nem todos temos fundo;
Procuram-nos alguns homens,
E as mulheres nos procuram,
E em paga de os ajudarmos
Nos deixam quando nos furam;
E sem sermos carapuça,
Touca, ou coisas d'enfartar,
Lá nos poem na cabeça,
Porque ahí é o seu logar.

(O DEDAL)

17

Sou fina de nascimento,
Rôo quanto me dão,
Por falta de ensinamento
Lanço o que rôo no chão;
Muitos que de mim se servem,
P'ra conseguirem seu fim,
Não tendo eu nada de santa
Ajoelham junto a mim.

(A SERRA)

18

Letras me puzeram
Que nunca se lêem;
Quiz que me calasse
Eu nunca fallei;
Logo que me calaram
Meus dias acabei.

(O MELÃO)

19

Verde foi meu nascimento
E em ferros agudos me roubaram,
A c'rôa da cabeça me tiraram,
E pedras e rubins me encontraram.

(A ROMAN)

20

Tem alma,
E' mat'rial,
Tem ouvidos,
Não é animal.

(A REBECA)

21

Sou branca como a neve,
Preta como o pêz,
Fallo sem ter bocca,
Ando sem ter pés.

(UMA CARTA)

22

Semei tabuas,
Nasceram cordas,
Colhi holas.

(MELANCIA)

23

Uma estalagem hem montada,
Com dois hospedes á entrada,
Entram a dois e dois,
Um primeiro, outro depois.

(CAIXA DE RAPÉ)

24

Da ave tirei o nome,
Do carneiro a lân,
Não sou carne, nem ave, nem lân.

(AVELÃ)

25

Nua e crua me puzeram
Sobre fogo abrasador,
Depois posta ao rigor
Longos dias me tiveram.
A côr mudar me fizeram
Sobre pedra lisa e dura,
Hoje em quatro pés segura

Em continuas voltas ando,
Depois que extincta ficando
Mudo o nome e a figura.
MEADA

26

Eu não sou Ave-Maria
Nem tão pouco Padre nosso;
Mas para sustento vosso
Tenho alguma serventia.
E' mais quente do que fria
Minha sciencia ás vezes vã
Talvez pobre, talvez sã
E' ave, e não tem pennas
Não é carneiro, e tem lã.

AVELÃ

27

Sou preta
Pizo terra mimosa,
Quando levanto o pé
Nasce uma rosa.
PULGA

28

Estando os reis em suas casas,
Veio a justiça a prendêl-os,
As casas fugiram pelas janellas,
E os reis ficaram presos.
PEIXES E RÉDE

29

CREADA:

— Senhor, que jogaes las tablas,
Sim ou não?

AMO:

Senhora, que tão bem fallaes,
Vòs ou eu?

CREADA:

Senhor, que tão bem m'entendes,
Vòs sim, que eu não.

Era uma senhora que estava em parto, e o marido jogava o gamão, e havia recommendado á creada que lhe desse parte, sem o amigo com quem jogava entender, do sexo a que pertencia a creança recém-nascida.

JOHEL.



O JOGO DO DOMINÓ

O jogo do dominó nasceu na Italia. Existe n'aquelle paiz uma lenda que nol-o demonstra.

N'um dos numerosos conventos que rodeiam o celebre mosteiro do monte Cassiano fuadado por S. Benito, no seculo IV, viviam frei Oremus e frei Santiago.

Todas as manhãs sabiam do convento montados nas suas mulas mendigando pelas visinhanças e voltavam á noite com os alforges cheios de comestiveis, que tinham recebido em troca de benções, rosarios, medalhas e outros objectos religiosos.

Um peccadilho que commetteram foi a causa que levou o superior a tirar-lhes os poderes de esmolar.

Encerrados na mesma cella, em vez de rezar e desejando distrahir-se, imaginaram um jogo de pedritas brancas, feitas de tiza, provavelmente quadradas e cheias de pontos pretos. Depois combinaram-nos formando séries, e os diversos calculos a que se prestavam distrahiam-lhes a imaginação e sustentavam-lhes o interesse.

Como o prior os vigiava de perto, combinaram entre si proferir em alta voz, mal ouvissem ruido no corredor em direcção á cella, o primeiro versiculo do psalmo das vespertas: «Dixit dominus domino» . . .

E como não sabiam de côr mais do que estas palavras, paravam sempre no «dominó».

Esta palavra, que repetiam continuamente, foi o nome de baptismo do seu passatempo, e quando queriam divertir-se diziam «dixit dominus domino».

Levantada a penitencia, que lhes tinha sido imposta, continuaram as suas expedições e ensinaram a sua descoberta aos italianos.

Venderam-lhes collecções de pedras brancas quadradas, com pontos pretos, explicaram-lhes as diferentes combinações que tinham feito, e a pouco esta distracção, que agradava à preguiça d'aquelle povo tão afeiçoado ao «dolce farniente», por toda a parte conhecida pelo nome que os padres lhe tinham dado. Mais tarde foi o nome corrompendo-se, até que ficou reduzido à sua minima expressão do «dominó».

Hoje, este jogo é quasi universalmente conhecido, e em França, Hespanha e Portugal, é um dos mais vulgares e apreciados.



CRENÇA

Entre as muitas lendas gentílicas dos sertões africanos, ha uma engracadissima.

No interior da vasta provincia de Angola, ha um logar antigo presidio, chamado Muxima, que em lingua bunda quer dizer coração.

N'essa povoação existe uma pequena igreja, de architectura regular, que tem a invocação de «Nossa Senhora da Conceição de Muxima;» imagem muito venerada por aquelles povos, incluindo o gentio de Quisama.

Veem-se na igreja duas imagens de Nossa Senhora da Conceição, uma de tamanho natural e outra em ponto muito mais pequeno, e é alli crença arreigada de que a pequena é filha da outra explicando-se o caso do se-

guinto modo:

N'uma povoação proxima houve em tempo uma ermida onde existia uma imagem de S. José, que era tambem muito venerada. Em certa e determinada epocha do anno, vinha a imagem do santo em procissão solemne, visitar a Senhora, ficando na igreja uns dois dias. Pois d'essas visitas de S. José a Nossa Senhora, como esposos amantes que sempre foram, é que resultou o nascimento da Senhora da Conceição pequena, que ficou sendo filha da outra e por conseguinte irmã de Jesus Christo!

O que admira é que a curia romana deixasse passar em julgada a lenda.



As quatro amigas

A agua, o fogo, o vento e a honra tinham sido sempre amigos e quando um dia se tiveram de separar, grande tristeza os acommetteu. A possibilidade de se tornarem a ver, era o lenitivo que podia tornar mais suave a amargura da separação.

O VENTO, tendo pensado n'isso, disse aos seus companheiros:

—Quando virdes as espigas moverem-se como ondas serenas ou quando ouvirdes bramir a tempestade, podeis dizer:—Eis o vento que se aproxima.

—Os juncos e a avenca dar-vos-hão um indicio certo da minha presença, disse a agua.

—Assim como o fumo ligeiro vos previnirá da minha, accrescentou o fogo.

A honra ficou triste e pensativa.

—E tu, perguntaram os seus amigos; que indicação nos dás para

nos assegurarmos da tua presença?
A honra, meneando a cabeça, respondeu:

— Aquelle que uma vez me perder não tornará a encontrar-me.



USOS E COSTUMES

Diz um jornal estrangeiro:

O imperador Guilherme costuma retrocer o bigode.

O imperador d'Austria está quasi sempre cofiando as suissas.

O czar passa a mão pelo alto da cabeça dezenas de vezes no dia.

O rei Humberto cofia o bigode.

O khediva do Egypto não deixa de mover a perna esquerda quando falla.

O czar toca cornetim; o rei Humberto caça gamos e faz versos, a rainha victoria é apaixonada pela musica; a rainha da Italia gosta muito de theatros; o rei da Grecia é um nadador eximio e um pescador notavel; o rei da Belgica dá grandes passeios a pé e em tricycle; a imperatriz d'Austria caça; a da Allemanha gosta muita de musica; o Papa Leão XIII faz versos, e o rei niño de Hespanha brinca com soldados de chumbo!



D'om livro ha annos publicado pela imprensa franceza, referente a velhos costumes, ve-se que Luiz XIII iniciou a moda das cabelleiras, por que aos 20 annos o pobre monarcha tinha a cabeça como um Joelho.

Aos trinta e cinco annos adoptou-a

Luiz XVI, sendo acompanhado por toda a côrte.

O costume de empoar o cabelo data do seculo XIII, dando-lhe Henrique III e os seus favoritos notavel propaganda.

A revolução tornou este costume bastante decadente. Entretanto, Robspierre não deixava de andar empoado e o grande Bonaparte não renunciou a este habito senão depois da batalha d'Italia.



Um velho uso hespanhol, estabeleceu que na «quinta-feira santa,» no momento da adoração da cruz, o ministro da justiça apresente ao soberano, na real capella, os processos dos condemnados á morte.

O monarcha estende as mãos sobre a salva de prata onde os papéis estão postos, e commuta a pena aos condemnados dizendo:

«Deus me perdôe, assim como eu lhes perdôo!»

Logo que estas palavras se pronunciam, o ministro substitue as fitas pretas que envolvem os processos, por fitas brancas.

A rainha regente acaba de commutar nada menos de onze condemnados, cuja execução estava imminente.

Outro uso tambem notavel alli.

No dia de «sexta-feira da Paixão,» não se encontra em Madrid uma unica carruagem ou carro. Tudo anda a pé.

Eis um velho dictado normando: «Nunca houve no mundo senão duas mulheres verdadeiramente boas: a primeira perden-se; e a segunda está por encontrar».

